

# Fábulas de Esopo

Beverley Naidoo

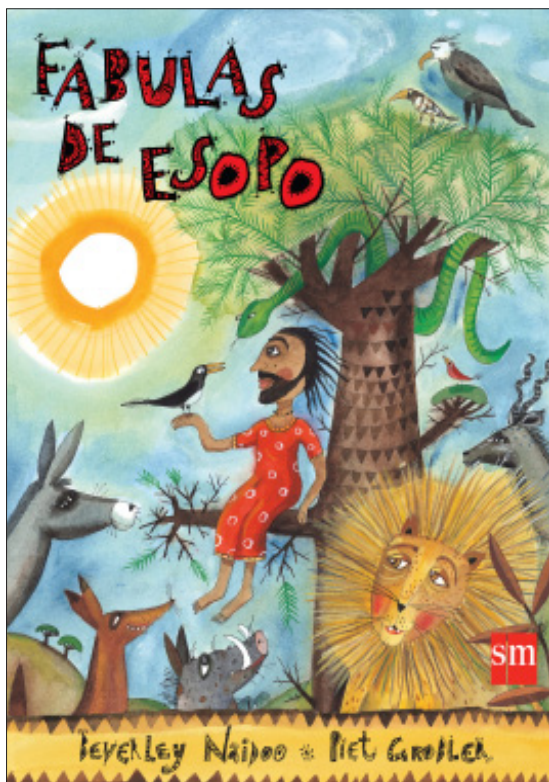
Ilustrações Piet Grobler

Tradução Isa Mesquita

Temas Natureza • Ética e moral • Amizade • Sentimentos



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



56 páginas



A **AUTORA** Beverley Naidoo nasceu em Joanesburgo, África do Sul. Ela cresceu sob o regime do apartheid e ainda estudante foi presa por participar do movimento de resistência. Em 1965, exilou-se na Inglaterra e só pôde voltar livremente para seu país após 26 anos. Hoje ela vive em Dorset, Inglaterra.

O **ILUSTRADOR** Piet Grobler cresceu em uma fazenda em Limpopo, África do Sul. Após trabalhar como ministro de igreja, passou a se dedicar à ilustração e hoje também dá palestras na Universidade de Worcester, Inglaterra, país onde mora. Recebeu inúmeros e importantes prêmios na Europa e integrou a lista de honra do IBBY em 2001 e 2006.

## NARRAR E ENSINAR A VIVER

Vindas de culturas e tempos muito remotos – desde os assírios (3000 a.C.) e os babilônios (2000 a.C.) –, as fábulas permaneceram vivas na imaginação e na memória de todos nós, graças à força com que, nas pequenas narrativas, renascem delas ensinamentos morais e práticos.

Como gênero narrativo, a fábula se desenvolve com base em personagens do reino animal, que simbolicamente representam certas habilidades, qualidades e defeitos humanos: a astúcia, a es- perteza, a dedicação, o trabalho. Ao se inventar a história de um acontecimento importante na vida desses animais, dele se extrai um conteúdo moral que se dirige aos homens.

Por isso a fábula, tradicionalmente, compõe-se de duas partes: uma narrativa – alegórica, pois os animais são representações de aspectos da sociedade humana – e uma moral, geralmente uma frase breve que sintetiza o conteúdo do ensinamento, em termos abstratos.

As fábulas muitas vezes são confundidas com narrativas que pertencem ao **gênero maravilhoso**. Nelas, os acontecimentos e as personagens não encontram paralelos na vida objetiva, na qual os animais não falam – ao menos não uma linguagem que consigamos compreender –, e as relações de amizade e de inimizade não se conformam às leis sociais, tais como as construímos na cultura, limitando-se às leis da necessidade.

### GÊNERO MARAVILHOSO

Os contos maravilhosos se caracterizam pela natureza dos acontecimentos narrados e pela reação das personagens a um mundo em que surgem seres sobrenaturais. As personagens não se espantam pelo fato de aparecerem objetos mágicos ou sobrenaturais num ambiente como o nosso; também não se surpreendem quando as leis da natureza são súbita e magicamente suspensas: as fronteiras entre a vida e a morte podem deixar de existir, bem como os limites entre espécies animais e mesmo entre aspectos físico-materiais da realidade (um leão pode voar, uma porta pode desaparecer e reaparecer). O conto maravilhoso apresenta um mundo em que o sobrenatural irrompe na realidade para ajudar a restabelecer a justiça, a liberdade e a felicidade. Isso o diferencia da fábula, além do fato de não haver no conto maravilhoso a formulação explícita de uma moral da história.

No gênero maravilhoso típico, tal como surge nos contos de fada, por exemplo, triunfa a ética do acontecimento, de modo que as ações se desenvolvem para que a justiça impere sobre a injustiça. Já nas fábulas nem sempre é assim: trata-se de mostrar que, a despeito das boas intenções, é possível que a injustiça impere, que a arrogância vença a humildade, bem como, porém, que a crueldade seja punida com outra crueldade, que a amizade seja traída em nome de interesses mesquinhos... Também porque, nas fábulas, o mundo justo não se estabelece necessariamente, elas nos ensinam – pelo prisma da lei da natureza a que se atribuíram características humanas – a observar a realidade e a aprender com ela. Além disso, no gênero maravilhoso não aparece a formulação explícita de uma moral da história. É nesse ponto decisivo que, apesar de muito próximo da fábula, dela ele se distingue.

Sobre a categoria do gênero maravilhoso, consultar:

- JOLLES, André. "O conto". *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- TODOROV, Tzvetan. "O estranho e o maravilhoso". *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.



**VEROSSIMILHANÇA**

Trata-se de um conceito definido pelo filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), em sua *Poética*. Ainda que, no senso comum, se tenda a considerar verossímil aquilo que não contraria a verdade objetiva, isto é, aquilo que é plausível, o conceito aristotélico é mais amplo. Para o filósofo, verossímil significa o que, estando internamente organizado e coerente na obra, parece verdadeiro. Afirma Aristóteles: “De preferir às coisas possíveis mas incríveis são as impossíveis mas críveis” (§158). Isto é: melhor trabalha o poeta quando prefere o impossível (objetivo) bem articulado internamente ao que, tendo acontecido de fato, parece inacreditável. Ainda nessa direção, o parágrafo 165 da *Poética* enuncia que “falta menor comete o poeta que ignore que a corça não tem cornos que o poeta que a represente de modo não artístico”.

**APÓLOGOS E PARÁBOLAS**

Assim como as fábulas, os apólogos constituem-se como pequenas narrativas que encerram conteúdos morais. Diferentemente daquelas, porém, os apólogos tendem a ter como protagonistas personagens inanimadas ou, ainda, seres vegetais. Veja-se, por exemplo, o apólogo de Esopo “O tamboti e os juncos” (p. 48).

Já as parábolas tendem a apresentar personagens humanas com conteúdo religioso. É o caso das parábolas de Jesus; uma das mais conhecidas é a “Parábola do semeador”, registrada em Mateus 13, versículos 1 a 23.

No entanto, quando escutamos ou lemos uma fábula, todos aceitamos que, nos termos internos da narrativa, aqueles eventos têm **verossimilhança** e podem ser persuasivos, mesmo que não respeitem o que convencionalmente consideramos necessário para uma narrativa realista, quando exigimos caracterização de personagens, ambientes e situações tais como ocorrem em nossa vida comum. A credibilidade da fábula, bem como do gênero maravilhoso, afirma-se em outra direção: ela não precisa ser fiel à realidade objetiva para, inventando situações e personagens, ensinar-nos a viver, fornecendo-nos lições sintéticas de sabedoria e de convívio entre os homens.



Essas lições se formulam na junção da narrativa e da moral da história, a qual retira dos acontecimentos concretos os elementos abstratos. Assim, se a raposa representa a astúcia, na fábula propriamente dita esse conceito não aparecerá; nós a veremos agir de modo astuto – e apenas na moral da história o conceito aparecerá como tal. E, mesmo quando a narrativa original já desapareceu da tradição oral e da escrita, ou já foi apagada da memória de determinados grupos culturais, a moral muitas vezes resiste sob a forma de provérbio. Outros gêneros associados às fábulas, e muitas vezes confundidos com elas, são os **apólogos** e as **parábolas**.

**DAS FORMAS ORAIS À ESCRITA**

A fábula surgiu no Oriente e percorreu um longo trajeto até chegar ao Ocidente: da Índia para a China, o Tibete, a Pérsia. Era utilizada como veículo para a difusão de ideais budistas. O primeiro volume de que se tem notícia é o *Pantchatantra*, escrito em sânscrito, o qual foi traduzido para o árabe no século VIII a.C. e se tornou conhecido como *Fábulas de Bidpay*.

Embora as fábulas já existissem na tradição oral de muitos povos, foi com Esopo que elas se tornaram um gênero muito difundido em todo o Ocidente. Por isso, ele é considerado o criador do gênero.

De sua história pessoal, sabe-se que viveu no século VII ou VI a.C. na Grécia, provavelmente como escravo. Conta-se que obteve o reconhecimento de seu senhor graças a suas qualidades como fabulista. Mesmo assim – e esse é mais um componente da lenda que ele se tornou –, o gago e corcunda Esopo, como dele nos fala Plutarco, foi condenado à morte pelos délficos, talvez porque suas fábulas incitassem o reconhecimento da injustiça e criassem, em seus ouvintes, a consciência de que o gênero humano nem sempre se pautava pela justiça ética. Como a fábula permite persuadir aquele que a escuta a respeito dos comportamentos morais e sociais, seu poder de provocar reações pode se tornar perigoso...

As histórias de Esopo chegaram até nós pelo fato de terem sido reunidas no século IV a.C. por Demétrio de Falero (c. 350-280 a.C.), orador, estadista e historiador grego; as mais conhecidas, porém, advêm da compilação em prosa realizada pelo monge bizantino Planúdio, no século XIV.

Da forma oral – cujas fontes recorrem a narradores anônimos – à escrita, as fábulas atravessaram a noite dos tempos e ainda hoje têm lições a nos ensinar.

Não é incomum que, por seu modo de transmissão – muitas vezes passando de voz a voz, de geração a geração –, as fábulas de Esopo admitam variações e diferenças, seja pelos protagonistas, seja pela moral que se extrai das histórias.

Um dos motivos para isso talvez seja o fato de que ele se vale de animais que habitam as savanas africanas – mais uma das razões para acreditar que sua origem seja a África, como nos explica Beverley Naidoo. Chacais, que representam a astúcia em suas fábulas, são animais pouco conhecidos em outras regiões do planeta; para nós, no Brasil, tem sido mais ou menos comum associar a astúcia à raposa... Como se depreende, a atribuição de características humanas e sociais a animais depende do contexto em que vivemos e de como projetamos neles questões que são fundamentalmente nossas.



**A RÃ E O BOI**

Uma rã estava no prado olhando um boi e sentiu tal inveja do tamanho dele que começou a inflar para ficar maior.

Então, outra rã chegou e perguntou se o boi era o maior dos dois.

A primeira respondeu que não – e se esforçou para inflar mais.

Depois, repetiu a pergunta:

– Quem é maior agora?

A outra rã respondeu:

– O boi.

A rã ficou furiosa e tentou ficar maior inflando mais e mais, até que arrebentou.

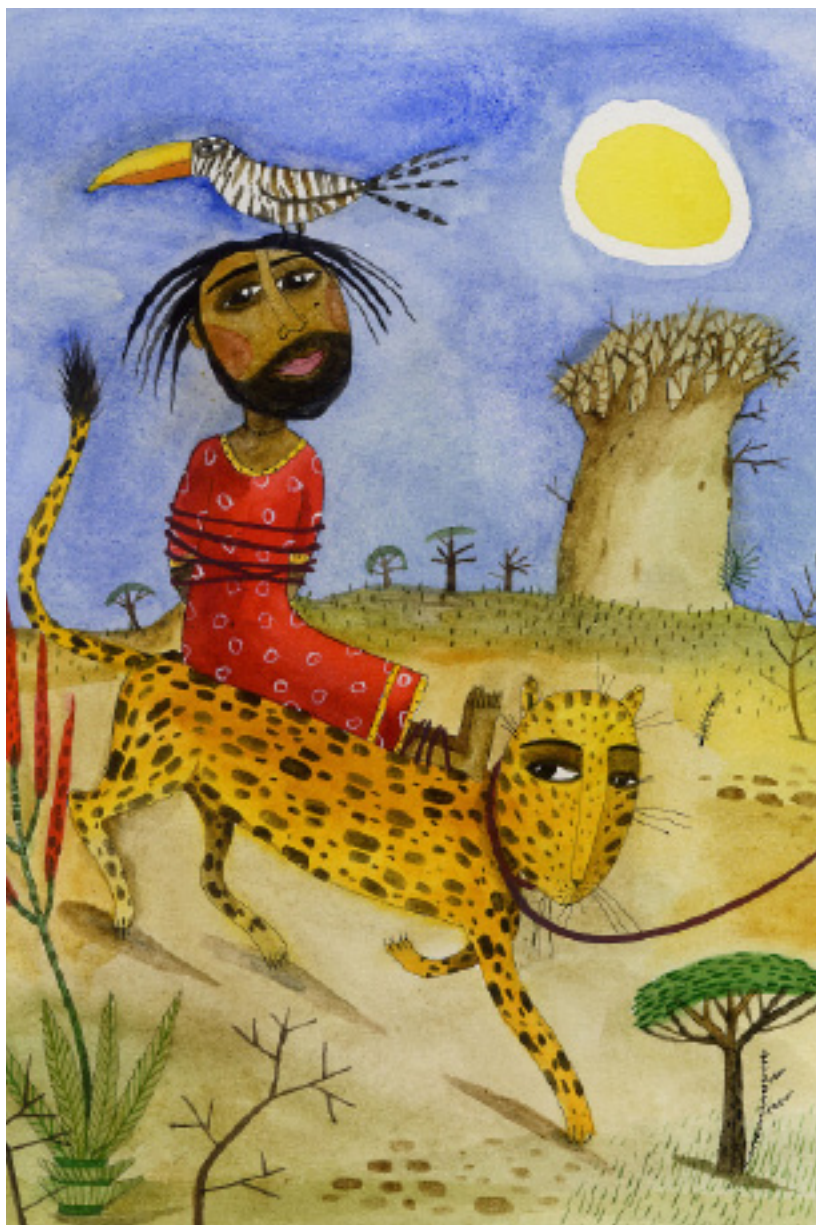
Moral da história:

*Quem tenta parecer maior do que é se arrebenta.*

(Tradução: Iuri Pereira)

**DE ESOPHO A OUTROS FABULISTAS**

Outro escravo, Caio Júlio Fedro (30/15 a.C.-44/50 d.C.), também se tornou fabulista. Nascido na Macedônia, Grécia, foi escravizado em Roma, mas o imperador Augusto o alforriou. Fedro retomou histórias contadas por Esopo, transmitidas oralmente através dos tempos, e as recontou, enriquecendo-as estilisticamente, na narrativa em versos. Com ele, ampliou-se a força satírica das fábulas e sua presença causou grande incômodo, pois, após a morte de Augusto (14 d.C.) e a ascensão de Tibério, a monarquia romana tornou-se despótica. Fedro continuava a criticar os comportamentos humanos e sociais de sua época com suas fábulas, e por isso foi exilado. Uma de suas fábulas é “**A rã e o boi**”.





### O LOBO E O CORDEIRO

*A razão do mais forte sempre vigora:  
E é isso o que mostraremos agora.*

Um cordeiro matava a sede  
em um regato cristalino.  
Um lobo faminto, procurando  
encrenca, ali chegou,  
guiado pela fome.

– Como se atreve a turvar a água  
que bebo? Vou castigá-lo por esse  
desrespeito – disse o lobo, enfurecido.

– Mas, senhor – respondeu o cordeiro –,  
não fique tão nervoso; veja que estou  
bebendo mais de vinte passos  
abaixo do lugar em que o senhor está;  
logo, não é possível, de onde estou,  
turvar a água que chega ao senhor.

– Problema seu – disse o lobo  
cruelmente. – Eu sei que você zombou  
de mim ano passado.

Diferentemente da origem escrava dos dois maiores fabulistas da Antiguidade, o pai da fábula moderna – Jean de La Fontaine (1621-1695) – convivia com a nobreza francesa. Aprendia, assim, as mazelas da vida social e as criticava na versão alegórica das narrativas fabulares. Suas *Fábulas*, escritas entre 1668 e 1694, em doze volumes, não apenas retomavam as histórias de Esopo e Fedro (que àquela altura já eram estudadas em escolas e reunidas em coletâneas de histórias morais), como também criavam outras histórias, autorais, com pleno domínio dos versos e com maior intencionalidade crítica. La Fontaine desenvolveu o papel dos animais como protagonistas: tratava-se de pôr em xeque a ideia, vigente a sua época, de que eles eram apenas “máquinas da natureza”, além de conscientizar melhor o leitor, por meio do deslocamento para o reino animal, sobre os comportamentos humanos e sociais que nem sempre podiam ser criticados abertamente. Afirmava: “Sirvo-me de animais para instruir homens”, num gênero que “é uma pintura em que podemos encontrar nosso próprio retrato”. “**O lobo e o cordeiro**” é uma de suas fábulas, recontada a partir da versão de Fedro.

A partir de La Fontaine e por todo o século XVIII, foram muitos os fabulistas, na França, na Espanha, na Inglaterra, em Portugal. O gênero se prestou, cada vez mais, à sátira política, como nas *Fábulas* de John Gray, em que a formiga é a representação do lorde responsável pelo Tesouro, o qual deixa os cidadãos à míngua.

– Como pode ser, se eu nasci este ano  
e ainda estou mamando? – retrucou o cordeiro.

– Se não foi você, foi seu irmão.

– Mas eu não tenho irmão.

– Então foi um parente seu. E vocês não me ajudaram,  
nem vocês nem os pastores e seus cães. Bem que disseram  
que eu tinha de me vingar.

E foi assim que, no meio da floresta,  
o lobo matou o cordeiro e o devorou,  
sem nenhum outro julgamento.

(Tradução: Iuri Pereira)

Em Portugal, Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) e Almeida Garret (1799-1854) são os autores mais lembrados por terem retomado o gênero, embora sem brilho.

No Brasil, o destino foi mais original. Monteiro Lobato (1882-1948) recontou as fábulas de Esopo e La Fontaine em *Fábulas* (1922), reescrevendo-as, comentando-as e até mesmo criticando-as. Além disso, também se valeu de narrativas inspiradas no folclore e na literatura oral, algumas das quais podem ser lidas em *Histórias de Tia Nastácia* (1937), como sua versão de “O lobo e o cordeiro”.

Poetas e cantadores populares, como Catulo da Paixão Cearense (1863-1946), também se valeram do gênero para reatualizar sua força crítica, caso de “Orgulho do burro”, que vale a pena conhecer.

É bom lembrar, ainda, que a moral das fábulas supõe um mundo em que se acredita que os desequilíbrios éticos possam ser corrigidos. Talvez por isso os fabulistas contemporâneos tendam a criar narrativas de conteúdos paródicos e satíricos, em que a moral da história inverte o que se imagina ser o preceito ético a ser seguido. O escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924) trouxe-nos algumas dessas narrativas, como “Pequena fábula”, em que recria “O lobo e o cordeiro”, apresentando outros protagonistas e outra dimensão ética. No Brasil, temos as histórias de Millôr Fernandes, com suas *Fábulas fabulosas* (1964) e *Novas fábulas e contos fabulosos* (2007), em que a moralidade prevista é substituída pela versão cínica. Em momentos de anomia social – quando as regras éticas parecem ter vigência apenas no papel –, as histórias que relatam o que é a moral *na prática* subvertem a ideologia e ajudam a revelar a verdade das relações sociais; disso advém a força contemporânea das fábulas satíricas.



## O MUNDO DE ESOPPO: LINGUAGEM, ANIMAIS E ÁRVORES

Ao ler algumas das fábulas de Esopo no livro de Beverley Naidoo, um estranho mundo se apresenta aos leitores: chacais, najas-cuspideiras, águias-cobreiras, antílopes-salta-rochas, kudus, tambotis... Ao lado desse universo estranho para os leitores brasileiros, também surgem animais e vegetação mais conhecidos, como macacos, leões, mosquitos, jumentos e juncos, típicos da savana.

Uma vez que o público brasileiro não está familiarizado com alguns deles, seus atributos morais têm de ser apreendidos de suas ações na história. É assim que o chacal – que vive no norte e no leste da África, e cujos hábitos tendem a preservar a sociabilidade em bando – é associado nessas fábulas à astúcia e à sobrevivência a todo custo, derrotando seu oponente por meio do ludíbrio. Em muitas fábulas aculturadas, o chacal é substituído; no Brasil, por exemplo, pela raposa, costumeiramente associada à dissimulação e à sagacidade.

Tendo em vista que a organizadora deste livro é sul-africana, em sua apropriação das fábulas ela usa palavras do africânder, do zulu, do setswana – todas **línguas faladas na África do Sul** – e mesmo gírias contemporâneas de seu país natal.

### LÍNGUAS FALADAS NA ÁFRICA DO SUL

São onze as línguas oficiais faladas na República da África do Sul.

O africânder, de origem holandesa, é falado especialmente pelos brancos e colorados sul-africanos, e o inglês sul-africano, mais empregado nas situações oficiais.

Como a África do Sul é um país composto de muitas etnias, com comunidades autóctones, europeias e mestiças, há também as línguas representativas desses grupos: as línguas bantas. Alguns desses idiomas são o zulu e o setswana, de que temos alguns exemplos nesta compilação das *Fábulas de Esopo*.





## NA SALA DE AULA

1. Antes de iniciar a apresentação e a leitura, o professor pode organizar uma roda em que os alunos falem dos animais que têm ou que gostariam de ter em casa. Ao fazê-lo, são convidados a atribuir a cada espécie uma característica que julguem ser atributo dela. É interessante o professor anotar, na lousa, o animal e sua característica, estimulando os alunos a buscar um conceito abstrato – por exemplo, atribuindo ao cão a fidelidade. Ao chegar a um rol mínimo de animais, é interessante discutir por que certa característica é sempre conferida a determinada espécie. Qual seria a origem disso: observação da vida do animal doméstico? Tendência a generalizar uma característica independentemente da raça? (Será um *pitbull* tão fiel quanto um vira-lata, por exemplo?) Depois dessa “rodada” de questionamentos, também vale a pena estimular a curiosidade dos alunos sobre animais não domesticáveis, mas cujas características acabaram por se consagrar no senso comum: o que pensam eles sobre a raposa, o lince ou a cobra? A ideia é mostrar a todos que nossos conceitos sobre os ani-

mais vêm não apenas do que conhecemos diretamente de seus hábitos e meios de vida, mas também daquilo que a tradição literária (oral e escrita), bem como a indústria cultural, focaliza a respeito deles.

2. Depois disso, o professor lança as perguntas: “Alguém sabe o que é uma fábula?”, “Conhece alguma?”. Só depois das tentativas de respostas e, principalmente, por meio de alguma fábula contada (se nenhum aluno lembrar, o professor pode sinalizar, por exemplo, com os títulos de algumas das mais conhecidas, como “A cigarra e a formiga” ou “O lobo e o cordeiro”), a classe tenta chegar ao conceito desse gênero narrativo.
3. Em seguida, vale perguntar se alguém já ouviu falar de Esopo, o escravo gago e corcunda, provavelmente de origem africana. O professor fala sobre ele, diz quem eram os escravos ao tempo dos gregos (os povos derrotados), como eram deslocados de sua terra, mas mantinham a imaginação presa aos próprios costumes e ampliavam-na com aqueles advindos da nova cultura em que foram inseridos. Também lhes per-



gunta de que tipo de animais Esopo trataria em suas fábulas. Quais seriam as espécies africanas que fariam parte de suas histórias? Depois dessas hipóteses, o professor apresenta o livro aos alunos. É importante que ele verifique, com a classe, a adequação ou não das hipóteses a respeito dos animais, mostrando, assim, como o livro ajuda a aprender algo que não faz parte da experiência discente (como o kudu, espécie de antílope africano, ou a naja-cuspideira). Os alunos também podem escolher, nas ilustrações, os animais que não conhecem. O professor então os lista na lousa e convida a classe, antes de ler a história, e apenas “lendo” as ilustrações, a atribuir características “morais” a esses animais.

4. As ilustrações deste livro, realizadas com aquarela por Piet Grobler, apresentam características marcantes, especialmente pelas molduras com que são enquadradas. O professor pode perguntar aos alunos a razão delas e então lhes explicar como se poderia entender isso: elas imitam pergaminhos, do tempo antigo? Ou desenhos africanos? Qual seria a hipótese mais plausível?
5. Para finalizar as atividades antes da leitura propriamente dita, o professor pode ler, com os alunos, o recado da organizadora, Beverley Naidoo, “Querido leitor”, e lançar a pergunta: “Seremos fisgados também?”. Como a questão se faz sob a forma de metáfora, há aí ocasião para apresentar a relação



entre sentido literal e sentido figurado, tão necessária para a compreensão das fábulas.

6. Iniciada a leitura das fábulas, o professor pode desenvolver uma espécie de “Coletânea das melhores fábulas deste livro”. O importante é que os alunos escolham duas ou três narrativas e justifiquem sua preferência. Pode-se aproveitar a metáfora “Quais fábulas me fisgaram?” para escrever uma pequena interpretação das duas ou três escolhidas. Essa avaliação, trocada entre os alunos e lida pelo professor, será alvo de discussões. A atração das fábulas se deveu ao conteúdo moral que ela exprime? O conteúdo moral das fábulas permanece atual no dia a dia? Elas são conhecidas em outras versões? Quais?
7. Uma das características estilísticas da fábula é sua linguagem simples – com frases curtas e diálogos em discurso direto –, a que não falta, porém, poeticidade, especialmente na apresentação da natureza. O professor pode pedir aos alunos que localizem esses efeitos no texto. Após a escolha do trecho mais poético, eles são convidados a reescrever uma fábula tomando como ponto de partida o início da original, mas apresentando protagonistas diferentes e outra moral da história. É fundamental que essa produção textual circule entre os alunos e o professor leia, em voz alta, as fábulas que julgar mais inovadoras ou surpreendentes.
8. As fábulas mantêm-se vivas também graças às tradições orais. Uma proposta de atividade, depois da leitura do livro, é escolher aquelas que os alunos já conheciam em outras versões, seja a narrativa propriamente dita, seja a moral da história. O professor propõe, então, que cada aluno indique quais fábulas de Esopo já conhecia em outras versões e como veio a conhecê-las. A atividade culmina numa espécie de pesquisa de campo, em que cada aluno entrevista os membros de sua família sobre a fábula de que mais gosta. O resultado dessa pesquisa será uma exposição, sob a forma de cartazes, num mural intitulado “Histórias que sobrevivem aos tempos”.
9. Muitas vezes uma fábula é “esquecida”, mas resta dela a moral, que sobrevive como provérbio. É o caso, por exemplo, de “A cavalo dado não se olham os dentes”. O professor explica o que é um provérbio – em geral uma frase sentenciosa que exprime uma visão de mundo sob a forma metafórica – e pede aos alunos que enunciem os provérbios que conhecem. Registrados os vários provérbios recolhidos, a classe escolhe alguns deles



para, a partir da moral da história, reinventar uma fábula. A tonalidade dessa narrativa pode ser satírica ou cômica, revelando-se, assim, aos alunos, que um provérbio nem sempre enuncia uma verdade atemporal, à semelhança do que fazem os fabulistas contemporâneos. Se o professor puder, seria interessante ler para a classe uma das *Fábulas fabulosas*, de Millôr Fernandes, ou ainda convidá-los a ouvir a canção “Bom conselho”, de Chico Buarque de Holanda.

10. Para terminar a atividade com este livro – e apenas iniciar o encantamento com fábulas, apólogos e parábolas –, o professor pede aos alunos que criem um apólogo, com seres inanimados, ou uma fábula, com animais – desde que sejam objetos e animais que pertençam a seu cotidiano. O fundamental é que se extraia dessas histórias um conteúdo moral, o qual se relacione adequadamente à narrativa. Assim, é preciso retomar a primeira atividade proposta neste guia – mostrando as relações entre animais e conteúdos abstratos – para que os alunos possam desenvolver a produção. Ela também deve vir ilustrada, à semelhança de um pergaminho moderno, com ilustrações que a emoldurem e com uma ilustração central que tenha como tema o núcleo do conflito.

## DICAS DE LEITURA PARA OS ALUNOS

---

- CUNHA, Carolina. *Mestre gato e comadre onça*. São Paulo: Edições SM, 2011. Contra a força, vale a astúcia. É esse o artifício do esperto gato para derrotar a enorme onça, numa fábula brasileira de tradição oral, recontada nas rodas de capoeira.
- PRADO, Lucília Junqueira de Almeida. *Uma camela no Pantanal*. São Paulo: Edições SM, 2006. (Coleção Barco a Vapor, Série Branca). Fábula que mostra o contraste entre familiaridade e surpresa, verdade e imaginação, com destaque para o meio ambiente e o acolhimento.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA IVONE DARÉ RABELLO (PROFESSORA DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA DA USP); PREPARAÇÃO IURI PEREIRA; REVISÃO MARCIA MENIN.